

¶ *Uma surpreendente história da selva brasileira—nos moldes em que o jovem Kipling a teria contado.*

Prisioneiro da Amazônia

(Condensado do «Cosmopolitan»)

Por Evelyn Waugh

EMBORA McMaster tivesse vivido no Amazonas cerca de 60 anos, ninguém suspeitava sequer da sua existência, a não ser umas poucas famílias de índios Shiriana. Plantara a sua casa numa pequena savana areenta, de uma légua talvez de comprimento, que a floresta cingia estreitamente. O rio que lhe regava as terras não figurava em nenhum mapa; é que violentas torrentes o tornavam intransponível, em certos trechos, durante quase todas as estações do ano.

A casa de McMaster era mais ampla que as dos índios, seus vizinhos, porém, no estilo, similar ao delas—teto de palha de palmeira, paredes baixas, de taipa, chão de terra batida. Possuía ele umas doze cabeças de gado franzino, uma plantação de mandioca, e, finalmente, uma espingarda, a única existente no lugar. As poucas mercadorias que lhe vinham do mundo civilizado, passavam de mão em mão, por uma série de mercados onde eram disputadas em doze línguas.

Um dos índios, um dia, veio avisá-lo de que um homem branco se aproximava da floresta: vinha só, e parecia muito doente. McMaster, partindo em busca do desconhecido, foi encontrá-lo sentado no chão, já próximo à savana. O estrangeiro, descalço e sem chapéu, trazia os pés inchados e feridos, e os olhos devorados pela febre. Pusera-se

a falar consigo mesmo, em meio do delírio que o prostava. Silenciou, porém, quando viu que McMaster se lhe dirigia em inglês.

—Estou exausto, disse então. —Não posso mais andar. Chamo-me Henty, e há vários meses que não me alimento direito.

McMaster levantou-o do chão, e, amparando-o com firmeza pelo braço, guiou-lhe os passos lentamente em direção à fazenda.

—Deite-se aqui na rede. Vou buscar-lhe alguma coisa.

Pela aparência e modo de falar, pareceu a McMaster que o inesperado visitante alí viera ter em alguma expedição científica mal fadada—o que Henty, mais tarde, confirmou.

McMaster lhe deu numa cabaça uma infusão de ervas. Henty bebeu-a, estremeando um pouco, devido ao gosto extremamente amargo. Bebeu, porém, até o fim, e caiu logo num pesado sono.

A cura processou-se lentamente. Dias de lucidez, a alternarem com dias de delírio. McMaster trazia-lhe a infusão, com infalível regularidade.

—Na floresta tem remédio para tudo, explicou ao enfermo. Minha mãe era índia e me ensinou várias receitas.

—Mas o senhor não é inglês? perguntou-lhe Henty.

—Meu pai era. Veio para a Guiana Britânica como missionário, mas a bus-

ca do ouro arrastou-o até aquí. Viveu, então, com minha mãe. As mulheres da tribo Shiriana são feias, porem muito dedicadas. Viví com muitas delas. Quase todos os homens e mulheres que moram na savana são meus filhos. É por isso que me obedecem—por isso e graças à espingarda. Meu pai tinha instrução. O senhor sabe ler?

—Claro que sim.

—Nem todo o mundo tem essa sorte. Eu não sei.

Henty sorriu, como que a desculpá-lo. —As oportunidades serão poucas, por aquí.

—Diz bem; é isto mesmo. Mas eu tenho muitos livros. Há cinco anos, havia aquí um inglês—preto, mas educado em Georgetown. Até morrer, lia-me um pouco, todo dia. O senhor vai poder fazer o mesmo assim que melhorar.

—Com muito gosto.

—Sim—vai ler para mim, repetiu McMaster, com um gesto da cabeça.

Como Henty houvesse passado seis ou sete dias consecutivos sem febre, McMaster lhe disse: —Acho que agora já pode examinar os livros.

Num canto da cabana havia uma espécie de sotão. McMaster encostou uma escada à parede e subiu. Havia alí, no chão, um monte de pequenos pacotes enrolados em pano, folha de palmeira e couro cru.

McMaster desembrolhou um deles. Era uma velha edição de *Bleak House*.

—Qualquer um serve para começar.

—Gosta de Dickens?

—Se gosto? É mais do que gostar. São os únicos livros que já ouví ler. Meu pai lia para mim e mais tarde também o negro. Agora quero que o senhor leia. Já ouví eles uma porção de vezes, mas não me canso. Tenho aquí todos os livros de Dickens. Levá-se

muito tempo para ler todos eles—mais de dois anos.

O velho era um ouvinte incomparavel. Escarranchava-se na rede, em face a Henty, fixando nele os olhos, e seguindo-lhe as palavras com o movimento dos lábios. Ria gostosamente a todas as passagens engraçadas, enquanto as descrições comoventes lhe arrancavam lágrimas, que, deslizando pelo rosto, vinham umedecer-lhe a barba.

Ao chegarem à altura do segundo volume, o prazer que a leitura dava ao velho começou a desvanecer-se, e Henty, por seu turno, já se sentia bastante forte, de modo que lhe pesava ficar por longo tempo inativo. Falou mais de uma vez em partir, mas McMaster parecia não lhe dar atenção.

Um dia, folheando as páginas do livro que ainda restavam por ler, disse Henty: —Ainda falta um bom pedaço. Mas espero terminar antes da minha partida.

—É claro, disse McMaster.—Não se preocupe com isso.

Pela primeira vez notou Henty alguma cousa de ameaçador no modo de falar do velho. Aquela tarde, ao jantar, uma leve refeição de farinha e carne seca, voltou Henty a tratar do assunto.

—É natural que eu pense—disse ele a McMaster—no meu regresso. —Como é que se pode arranjar uma embarcação o mais depressa possível? Estou cativo de sua gentileza, mas...

—Meu amigo, qualquer dos serviços que eu tenha prestado a você está amplamente pago pela leitura que você fez para mim. Não fale portanto mais disto.

—Mas eu tenho que pensar em partir.

—É, respondeu McMaster.—O negro era assim, também. Só pensava nisso

todo o tempo. Mas ficou até morrer.

No dia seguinte, voltou Henty a bater na mesma tecla.

—Perdoe-me, McMaster, mas sou obrigado a insistir. Quando posso arranjar uma canoa?

—É cousa que não existe aqui.

—Mas os índios podem fazer uma.

—É melhor esperar pelas chuvas. Agora o rio não está bastante cheio.

—E quando será isso?

—Daquí a um mês ou dois.

Haviam já concluído a leitura de *Bleak House*, e estavam perto do fim do *Dombey and Son*, quando caíram as chuvas.

—Agora é tempo de preparar a viagem.

—Nem pense nisto—é impossível. Os índios não fazem canoas durante a estação chuvosa; é uma de suas superstições.

—Você me devia ter dito.

—E não disse? Então foi esquecimento.

Havia decorrido quase um ano que Henty deixara os penates, e o seu prognóstico sombrio de exílio permanente veio a tornar-se mais agudo quando, entre as páginas de *Martin Chuzzlewit*, encontrou um documento escrito a lapis em caracteres irregulares:

«Ano de 1919

«Eu, James McMaster, do Brasil, juro a Barnabás Washington, que se ele concluir a leitura deste livro, *Martin Chuzzlewit*, eu deixarei que ele parta, logo em seguida.»

Seguia-se um forte X, traçado a lapis, e, mais abaixo: *McMaster fez esta marca. Assinado Barnabás Washington.*

—McMaster, disse Henty,—devo falar francamente. Você salvou a minha vida. Quando eu regressar à civilização,

tratarei de recompensá-lo da melhor maneira possível. Mas, no momento, você está me retendo contra a minha vontade. Peço-lhe que me ponha em liberdade.

—Ora, meu amigo; você não está sofrendo constrangimento algum. Irá quando quiser.

—Como posso ir sem seu auxílio? Juro-lhe que chegando a Manaus arranjaréi alguém pago por mim, que venha ler para você todos os dias.

—Mas eu não preciso de outra pessoa. Você lê tão bem!

—Pois hoje foi a última vez que eu li.

—Espero que não, respondeu McMaster polidamente.

Naquela tarde, ao jantar, só veio à mesa um prato de carne seca com farinha. O velho comeu sozinho. Henty, reclinado na rede e mergulhado num profundo silêncio, olhava o teto, pensativamente.

No outro dia, ao almoço, havia ainda um prato só, no lugar de McMaster. Este, enquanto comia, pusera sobre os joelhos a espingarda. E Henty, diante daquilo, prosseguiu a leitura de *Martin Chuzzlewit*.

Semanas e semanas decorreram sem que surgisse um raio de esperança. Leram *Nicholas Nickleby*, *Little Dorrit* e *Oliver Twist*. Mas, lá um dia, apareceu na savana um estrangeiro, capataz de raça mista. McMaster mostrou-se aborrecido ao receber o homem; deu-lhe farinha e carne seca; porem, ao cabo de uma hora, fê-lo seguir viagem. Henty, durante aquele tempo, conseguira, contudo escrever seu nome num pedacinho de papel que logrou entregar ao viajante.

Nasceram-lhe esperanças, desde então. O capataz—Deus sabe quando—chegaria a uma aldeia brasileira, anun-

ciando a descoberta que fizera. Provavelmente, àquela altura, já se teriam organizado patrulhas de socorro em busca da expedição perdida; era possível que, de um dia a outro, vozes inglesas ressoassem na savana. Não conseguiu permanecer atento às páginas que lia; pôs-se, num vago devaneio, a imaginar os menores detalhes do regresso—roupas novas, telegramas de congratulações, carne fresca e legumes da estação.

McMaster, porém, interrompeu-lhe o sonho:

—Você quer me fazer o favor de ler de novo esta passagem? É das que eu gosto mais.

E as semanas se foram sucedendo. Nada indicava que o socorro esperado estivesse em caminho, mas Henty suportava cada dia na esperança do dia de amanhã. Mostrou-se até mais cordial para com o seu carcereiro, e não se opôs a reunir-se a ele quando, após uma longa conferência com um dos índios seus vizinhos, McMaster decidiu organizar uma festa.

—É um dos maiores feriados do lugar, explicou a Henty. Iremos celebrá-lo na cabana deste meu amigo, que fica do outro lado da savana.

Os índios já lá estavam, reunidos em torno da fogueira. Puseram-se a cantar, em coro, e uma enorme cabaça, contendo um líquido qualquer, foi passando em redor, de boca em boca. Trouxeram duas taças especiais para Henty e McMaster.

—Você tem que beber o conteúdo inteiro, sem mudar nunca a posição da taça. Assim ordena a etiqueta do lugar, explicou McMaster.

Henty tragou, sem nem lhe sentir o gosto, a escura beberagem que lhe deram. Esta não era tão ruim quanto parecia à primeira vista, embora fosse

espessa e pastosa. Reclinando-se, depois, na rede, sentiu um bem estar indescritível. Era provável que uma patrulha de socorro já tivesse partido ao seu encontro—estando, talvez, àquele mesmo instante, a meio caminho. Sentou-se tomado, no entanto, de uma vaga e agradável sonolência. A cadência monótona dos cantos tinha um ritmo igual e embalador de ladainha. Henty fechou os olhos, lentamente, pensou na casa, na mulher, e adormeceu.

Ao despertar, ainda se achava na cabana do índio. Viu, pela posição do sol, que ia morrendo a tarde. Procurou o relógio e descobriu, surpreso, que já o não trazia no pulso.

Dóia-lhe a cabeça, e receou que a febre o tivesse de novo acometido. Ao por os pés no chão, notou que andava com dificuldade. Quando atravessou a savana, viu-se mais de uma vez obrigado a parar. Ao chegar, finalmente, à casa de McMaster, encontrou-o sentado, à sua espera.

—Ah, meu amigo, você está atrasado, desta vez, para a leitura. Daquí a pouco não há mais luz. Como está se sentindo?

—Pessimamente. Aquela beberagem me fez mal. Nunca, na minha vida, dormi tanto.

—Sabe quanto? Dois dias.

—Dois dias? Não é possível!

—É verdade, sim senhor. Dormiu mesmo a valer. Foi pena, porque não pôde ver as suas visitas.

—Visitas?

—Pois é. Estive muito entretido enquanto o senhor dormia. Recebí três homens que vieram de longe. Foi pena que você não visse. Eles também sentiram muito, pois estavam doidos para ver você. Mas que é que eu podia fazer? O seu sono era tão profundo... Como

tinham vindo de tão longe somente para isto, dei a eles uma lembrança—o seu relógio. Queriam levar qualquer coisa para a sua mulher, que oferece uma grande recompensa a quem der notícias do senhor. Ficaram muito satisfeitos com o relógio.

Não acredito é que apareçam novamente por aquí; vivemos tão longe de tudo, tão retirados do mundo, que o prazer que temos é o da leitura coti-

diana. Não,— não creio, de fato, que os visitantes apareçam outra vez.

Bom, vou buscar uma infusão que fará você ficar bom de novo. Na floresta há remédio para tudo; uns que fazem dormir e outros que fazem despertar. Hoje não lemos Dickens,— mas amanhã, e depois de amanhã e nos dias seguintes. Que tal se lêssemos de novo *Little Dorrit*? Há passagens, ali, que nunca posso ouvir sem lágrimas!



Respostas aos «Rádio-enigmas do mês»

(v. Pág. 17)

- | | | |
|--|---|---|
| 1. Porque uma dama que morreu de síncope durante o sono, não pode contar a ninguém o que sonhou. | * | las não é de mil réis, conquanto a outra o seja. |
| 2. De leite. | * | 12. Colúmbia. |
| 3. Quatro. | * | 13. A China, a Índia e a U.R.S.S., pela ordem indicada. |
| 4. Estados Unidos do Brasil, da Venezuela, do México. | * | 14. À esquerda, para dar ao soldado a liberdade de saudar os oficiais com a mão direita. |
| 5. (1) Lima, (2) Nova York, (3) Barranquilha, Colômbia, (4) Santiago do Chile, (5) Rio de Janeiro. | * | 15. As balas dos diversos pilotos são pintadas de cores diferentes, que deixam a sua marca no alvo. |
| 6. Invasão. | * | 16. O Presidente Roosevelt, que tem 60 anos; MacArthur tem 62, e Churchill 67. |
| 7. Porque se deve içar a bandeira até o topo do mástro, deixá-la um instante ali, e depois arriá-la a meio-pau. | * | 17. Recebemos quatro notas de 2 mil réis e uma de 5. |
| 8. Descendente. | * | 18. Dez: o Alves e a esposa, as sete meninas e um rapaz, visto que cada irmã têm o mesmo e um só irmão. |
| 9. Entre a Argentina e o Brasil. | * | 19. Espanha, Portugal, Suíça, Suécia e Eire. |
| 10. Para fazer na testa das vítimas certos sinais indicativos do tratamento (injeção antitetânica, torniquete, etc.) | * | 20. Nome está mais perto da Noruega. |
| 11. Uma moeda de mil réis e outra de quinhentos. Uma de- | * | |